

E viveram felizes para sempre...

Algo simples... algo comum, algo à vista de todos, mas escondido...

Era sobre isto que eu queria fazer a minha crónica, era este o meu pensamento enquanto deambulava pela rua, na Baixa de Lisboa.

Olhei para o lado, coisa que não é costume fazer, e reparei em algo simples, comum e um pouco lamechas: um casamento.

Um casal (na casa dos trinta e poucos anos) a ser bombardeado com carradas de arroz...

Honestamente, vale mesmo a pena casar? Estudos recentes provam que 45% dos casamentos



acabam em divórcio após o primeiro ano e que o custo médio de um casamento ronda (entre) os 8 e 10 mil euros. E isto tudo por 365 ou 366 dias de felicidade fingida?!

Não é que eu esteja amargurado com o amor, visto eu que eu próprio me encontro apaixonado... mas irrita-me ver aquelas pessoas que dizem "Amo-te" por tudo e por nada! Tudo perdeu significado! Muitos podem não

concordar mas é verdade...

A própria palavra *Amor* perdeu toda a magia e misticismo à sua volta, tornando-se quase um cumprimento.

O beijo, que era a mais pura declaração de amor, um pacto silencioso, uma jura de fidelidade eterna, tornou-se agora uma demonstração fútil de afecto.

O amor era algo mágico, poderoso, místico, mas tornou-se em algo descartável, um luxo urbano!

Mas no meio do caos e da cacofonia, ainda se vêem amores puros e verdadeiros.

O amor verdadeiro é um tesouro raro e

inestimável, muito difícil de encontrar, apenas visto por aqueles que vêem o mundo com olhos de ver. O amor é uma caixinha de surpresas: pode provocar tremendos desgostos ou agradáveis surpresas, por isso pensem bem antes de dizerem "Amo-te!" ou darem um beijo, pois estarão a embarcar no maior jogo de sorte das vossas vidas! Lembrem-se: não existem finais felizes, nem "E viveram felizes para sempre...", mas a realidade não está muito longe disso...

Don Rosa

8º F Nº9

(Fattha Mahmud)